



A cobertura midiática da seca no Nordeste: uma análise quantitativa dos jornais Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste no ano de 2012¹

Antonio Pinheiro TORRES NETO²

Marcelo Eduardo LEITE³

Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri.

RESUMO

O artigo tem como proposta apresentar uma análise de conteúdo tomando como base uma série de dados quantitativos sobre a cobertura midiática da seca que atingiu o Nordeste no ano de 2012, a partir de dois jornais impressos: Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste. O intuito principal é observar por meio dos dados numéricos as semelhanças e discrepâncias existentes em diferentes jornais (um da região Nordeste, e outro do Sudeste) ao tratarem do mesmo tema. Nesse sentido, o trabalho busca compreender em quais momentos a seca esteve mais pautada em ambos os periódicos, como também em quais editorias as matérias foram publicadas. Além disso, esperamos que os dados apontem possíveis caminhos para a pesquisa em desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: cobertura midiática; seca; Nordeste.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise de conteúdo quantitativa sobre a cobertura midiática realizada pelos jornais impressos Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste durante a seca que atingiu a região do Nordeste brasileiro no ano de 2012. Desse modo, o intuito principal, nesse momento, é expor os dados (em números) obtidos ao realizarmos esta pesquisa. Em um sentido mais amplo, o trabalho que está em desenvolvimento buscará, futuramente, também compreender quais “motivos” levaram a seca tornar-se notícia nas páginas dos periódicos citados. A ideia é abranger não somente o panorama quantitativo, mas também a dimensão qualitativa.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013, em Mossoró - RN.

² Estudante de graduação 7º semestre do curso de Jornalismo, da UFC - Cariri. Integrante do grupo de pesquisa “Fotografia: mídia, imagens e representação”. Email: toinho_62jua@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Doutor em Multimeios pela Unicamp. Professor do curso de Jornalismo, da UFC – Cariri. Email: marceloeduradoleite@gmail.com



É através dessa que imaginamos poder respondermos quais aspectos fazem da seca um acontecimento noticioso. Ainda não entraremos nesta discussão, pelo menos não neste artigo. Apesar disso, um primeiro passo a ser dado para chegarmos as discussões almejadas é observarmos como se deu, em termos numéricos, a cobertura jornalística sobre o tema supracitado.

Por meio desse primeiro momento da pesquisa mostraremos, mês a mês, durante todo o ano de 2012, com que frequência a seca esteve pautada nas páginas dos jornais impressos Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste. É válido destacar que o material a ser sistematizado em no estudo se restringirá aos gêneros notícia e reportagem, focando apenas no jornalismo informativo. Artigos, editoriais, charges, cartas, colunas, etc., não entrarão em nosso levantamento.

Como dito anteriormente, está pesquisa está inserida em um panorama maior, de modo que, para além de observarmos com que frequência o tema da seca foi publicado nos jornais, temos o objetivo de, com o decorrer do estudo, entender quais aspectos foram levados em consideração para que ela se tornasse notícia ou reportagem na Folha ou no Diário. Assim, concordamos com a noção de que antes de se tornar notícia nas páginas de determinado jornal e gerar sentido em meio aos indivíduos, o acontecimento percorre um longo e complexo caminho.

Os media não relatam simplesmente e de forma transparente acontecimentos que são por si só “naturalmente” noticiáveis. “As notícias” são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas. (HALL, 1993, p.224)

Nesse sentido, existem categorias/normas sedimentadas e compartilhadas pelos membros da “tribo jornalística” (TRAQUINA, 2008), que vão dizer quais acontecimentos merecem ser noticiados. Isso porque ao serem reconhecidos socialmente enquanto “grupo profissional especializado”, os jornalistas afirmam saber o que outros não sabem, mais precisamente, o que venha a ser notícia e como produzi-las (TRAQUINA, 2008, p.20).

Nossa principal hipótese de trabalho nesse momento estabelece a seguinte perspectiva: imaginamos que haverá uma diferença quantitativa na cobertura entre os jornais Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste, baseada no critério de noticiabilidade da proximidade geográfica. Assim, em se tratando de um periódico da região Sudeste e outro da região



Nordeste do Brasil, supomos que o segundo dará maior ênfase na cobertura devido à proximidade espacial com a temática.

Aliás, é possível destacarmos as teorias sobre critérios de noticiabilidade como um caminho para a compreensão da cobertura midiática feita pelos jornais no que concerne à seca no Nordeste. Como escreveu Nelson Traquina (2008):

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia”. (TRAQUINA, 2008, p.63)

Nesse artigo, além de observarmos quais foram os momentos de maior e menor visibilidade da seca durante o ano de 2012, iremos, também, apresentar em quais editoriais, tanto da Folha de S. Paulo, quanto do Diário do Nordeste, o tema foi mais recorrente. A forma que adotamos para chegar a tais observações será descrita em nossa proposta metodológica. É necessário ainda fazermos algumas problematizações acerca do assunto aqui tratado, no caso a seca no Nordeste, tema que será apresentado no subitem seguinte.

Nesta parte introdutória, situamos o trabalho, o problema e o interesse pela pesquisa em questão. Vale destacar ainda que esta proposta de estudo é fruto da participação no grupo de pesquisa “Estudos Fotográficos”, fomentador de debates dentro da Universidade Federal do Ceará (UFC), campus Cariri.

2. A TEMÁTICA DA SECA

Há tempos o tema da seca está presente entre nós, seja no sentido de proximidade geográfica com esta problemática, seja no discurso que aponta a mesma como a responsável pelo atraso econômico e social da região Nordeste. Podemos avaliar que a sua caracterização pelos diversos segmentos da sociedade está ancorada em dois eixos, sendo o primeiro contemplando a seca enquanto fenômeno meramente climatológico, causador da falta de chuvas, do empobrecimento do solo ou da baixa do nível de água dos açudes; e um segundo eixo que abrange a dimensão social, ao observar os desdobramentos provenientes dos períodos de estiagem.



Além dessas perspectivas, a seca é apontada por pesquisadores sociais como fator determinante para a demarcação de uma região do Brasil: o Nordeste. “O tema da seca foi, sem dúvida, o mais importante, por ter dado origem à própria ideia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno”. (ALBUQUERQUE JR., 2006, p.120). Os primeiros relatos sobre esta problemática datam de 1552, três anos após a chegada do primeiro governador-geral, Tomé de Souza, ao recém-descoberto Brasil (VILLA, 2000, p.17).

Desde então, uma construção histórica realizada, em alguns casos, através da música, dos filmes, da mídia e da literatura fizeram com que o Nordeste, muitas vezes, fosse associado à ideia de seca - longe de formarem a imagem definitiva da região, porém, contribuindo para a construção do imaginário popular sobre este território. Além disso, tal região acabou se transformando, principalmente após a estiagem de 1877-1879 (na qual aproximadamente 5% da população brasileira morreram), em uma “região-problema” (VILLA, 2000, p.83).

Por muitos anos, as soluções encontradas pelo governo brasileiro para tentar minimizar os efeitos causados pelo fenômeno restringiam-se ao envio dos nordestinos para a região Amazônica (durante o ciclo da borracha); a criação de obras (ferrovias, estradas, etc.) que empregasse parte dos retirantes e a construção de açudes, como demonstra Marco Antonio Villa em seu livro *Vida e morte no Sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX* (2000). A essas ideias, somaram-se projetos como, por exemplo, a importação de dromedários para o Estado do Ceará e a criação da Comissão Científica de Exploração, que tentou explicar cientificamente as causas do flagelo da seca, além de tantos outros projetos criados, de forma ineficaz, para a região (VILLA, 2000).

Em 2012, acompanhamos através do noticiário, ou por outros meios, uma nova estiagem assolar o Nordeste brasileiro. A mesma é considerada pelos jornais (Folha de S. Paulo, Diário do Nordeste, Estado de S. Paulo, Jornal do Commercio) e pelos governantes estaduais e municipais (dentre outros segmentos da sociedade) como a pior a atingir a região nas últimas décadas. A título de exemplo podemos citar a situação dos Estados da Bahia e do Ceará. No primeiro, dos 417 municípios existentes, 258 haviam



decretado situação de emergência durante o ano 2012⁴. No segundo Estado citado, das 184 cidades cearenses, 178 (96%) decretaram situação de emergência devido aos efeitos da seca, segundo matéria publicada no jornal impresso Diário do Nordeste no dia 22 de novembro de 2012.

Este quadro, com algumas variações numéricas, se repete em Estados como Pernambuco, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe, Maranhão e Alagoas. Desse modo, os nordestinos voltam a sofrer a dura realidade da falta de água, a perda da lavoura, a consequente morte do rebanho de ovinos, caprinos e bovinos, entre tantos outros problemas. Contudo, há que se felicitar a inexistência de dramas enfrentados em outras épocas de estiagem, como as epidemias de varíola que castigavam a população.

Por exemplo, em novembro de 1878, chegaram a morrer 10 mil variolosos em Fortaleza, capital do Ceará (VILLA, 2000, p.71). Logicamente, durante esse período, a falta/inexistência de condições sanitárias de qualidade, de acesso a uma alimentação adequada, da falta de distribuição de remédios e postos de saúde contribuiu para a consolidação do panorama desolador.

Por meio de programas governamentais (Fome Zero, Garantia Safra, Bolsa Estiagem, Sede Zero), o poder público conseguiu minimizar os efeitos da seca. Porém, após séculos de repetição da problemática não foi criado para o Nordeste um plano que o faça passar de forma imune em meio a este fenômeno. Projetos como a transposição do Rio São Francisco, que teve suas obras iniciadas há cinco anos, com uma estimativa inicial de gasto de R\$ 4,7 bilhões (2007), agora R\$ 8,2 bilhões, ainda não foi concluído.

Mitos, contradições e sofrimento são alguns dos elementos ligados à seca do Nordeste. Entender como a mídia se posiciona frente a temáticas como esta é uma forma imprescindível de compreendermos como os jornais constroem um sentido social para fenômenos do cotidiano. “Como mediador-produtor de sentidos, o jornalista capta conceitos, emoções e comportamentos da sociedade – a realidade cultural imediata a que está exposto – e os representa na notícia, na reportagem ou em qualquer peça jornalística” (MEDINA apud KÜNSCH, 2000, p.98).

Podemos mencionar, nesse sentido, que para além de transformar acontecimentos em notícias, a prática jornalística atua como construtora da “realidade” e o jornalista como

⁴ Dados obtidos através da Defesa Civil do Estado da Bahia, disponíveis em www.defesacivil.ba.gov.br



agente na construção de representações para os temas que aborda através da apropriação de saberes e do uso de ferramentas do seu meio profissional.

3. METODOLOGIA DE TRABALHO

Ao tomarmos como base a análise de conteúdo para o trabalho temos um intuito claro: tentarmos observar tendências na cobertura da seca nos jornais Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste. Como aponta Heloiza Herscovitz (2010):

(...) a análise de conteúdo revela-se como um método de grande utilidade na pesquisa jornalística. Pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve também para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. (HERSCOVITZ, 2010, p.123)

Desse modo, ao propormos um estudo comparativo compreendemos que a análise de conteúdo possa nos auxiliar na tarefa de testarmos nossa hipótese citada no início do trabalho. Como dito anteriormente, vislumbramos, hipoteticamente, que haja uma diferença quantitativa entre a Folha de S. Paulo e o Diário do Nordeste no que concerne a cobertura da seca no ano de 2012. Tratando-se de um jornal do Sudeste e outro do Nordeste, acreditamos que, devido ao critério de noticiabilidade da proximidade geográfica, existirá uma recorrência maior do tema no jornal mais próximo, geograficamente, do acontecimento.

Essa seria uma das possíveis diferenças entre os jornais. Ao longo da pesquisa, que como foi destacado está em desenvolvimento, talvez possamos observar outras discrepâncias, como também possíveis semelhanças. Logicamente, caso venhamos a notar uma diferença quantitativa entre a Folha de S. Paulo e o Diário do Nordeste não significará, necessariamente, uma diferença na forma de abordagem do conteúdo (no caso, o tema da seca). Tal inferência somente poderia ser assegurada a partir de uma análise também qualitativa. Aliás, como destaca Herscovitz (2010):

A tendência atual da análise de conteúdo desfavorece a dicotomia entre quantitativo e o qualitativo, promovendo uma integração entre as duas visões de forma que os conteúdos manifesto (visível) e latente (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido. (HERSCOVITZ, 2010, p.126)



Ao papel à que se propõe o trabalho, enquanto uma análise de conteúdo centrada em uma dimensão quantitativa, é possível dizermos que apesar de algumas perdas em análise, será possível problematizarmos dimensões importantes através dos dados numéricos.

A proposta do artigo aqui apresentada demonstra claramente sua preocupação em tentar lançar um primeiro esboço sobre a cobertura midiática em relação à seca que atingiu a região Nordeste em 2012. Mais especificamente nos jornais impressos: Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste. Apresentemos, então, algumas especificidades sobre ambos.

A história da Folha de S. Paulo teve início em 1921, quando foi criada a empresa Folha da Manhã LTDA., entrando em circulação o jornal Folha da Noite. Em 1925, passou a ser publicado o impresso Folha da Manhã (edição matutina do Folha da Noite). Mais tarde foi criado ainda o Folha da Tarde, porém, em 1960 as três publicações se fundem e tornam-se uma única, dando origem à Folha de S. Paulo. O mesmo possui o slogan “Um jornal a serviço do Brasil”, e está situado na região Sudeste do país.

O periódico chegou aos anos 90, após passar por diversas fases (inclusive aderindo a um projeto editorial que orienta a conduta do jornal), sendo líder de tiragem no Brasil, alcançando a média diária de 500 mil exemplares. Atualmente o quadro modificou-se, mesmo assim continua sendo líder em vendas. Segundo o IVC (Instituto Verificador de Circulação), em 2011, a Folha de S. Paulo obteve uma circulação média diária de 298 mil exemplares, sendo um dos jornais de maior tiragem do país.

Em relação ao Diário do Nordeste, podemos destacar que o mesmo é constituinte do oligopólio Sistema Verdes Mares de Comunicação, sendo o jornal proveniente de investimentos de outros setores que se diversificaram na direção da comunicação (MARINONI, 2008, p.100). O periódico foi fundado na cidade de Fortaleza em 1981, pelo empresário já falecido Edson Queiroz.

No campo da comunicação, o SVM possui 7 veículos, sendo eles: Diário do Nordeste (jornal impresso); Verdes Mares AM, FM 93, FM Recife (emissoras de rádio); TV Verdes Mares, TV Diário (emissoras de televisão); Portal Verdes Mares (portal virtual) e Revista Gente. Segundo dados do IVC, no ano de 2009, a tiragem do Diário do



Nordeste obteve uma média diária de 40.344 exemplares, possuindo uma rede de distribuição que abrange os 184 municípios cearenses.

A escolha para analisarmos os jornais supracitados é pautada em dois pontos: em primeiro lugar, por tratar-se de jornais com bastante representatividade em suas respectivas regiões (Nordeste e Sudeste), seja quanto à tiragem, seja enquanto formadores de opinião. Além disso, trata-se de veículos de comunicação que representam duas vertentes da mídia brasileira: o jornalismo de âmbito regional (Diário do Nordeste), e de âmbito nacional (Folha de S. Paulo). Em segundo lugar, ambos disponibilizam de forma digitalizada suas edições diárias por meio da internet, facilitando o acesso ao conteúdo tratado neste artigo.

Para que pudéssemos contabilizar a quantidade de matérias publicadas em ambos os jornais, sobre o tema da seca, foi realizada a leitura diária dos periódicos em questão. Assim foi possível identificar e separar o conteúdo de interesse para o trabalho. É válido destacar novamente que o levantamento está restrito aos gêneros jornalísticos informativos, sendo eles notícia e reportagem. Esse trabalho de observação/contabilização foi feito durante os meses de janeiro a dezembro do ano de 2012.

A ideia é que tenhamos dados quantitativos de modo a podermos responder as perguntas: em que meses a cobertura sobre a seca foi mais recorrente?; quais editorias foram mais acionadas ao tratar do tema?; há uma diferença em números se compararmos a cobertura do Diário do Nordeste em relação à Folha de S. Paulo?; o que isso pode significar?

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Partindo dos questionamentos citados acima contabilizamos, inicialmente, a quantidade de matérias publicadas no jornal Diário do Nordeste:

Tabela 1 - Dados referentes às matérias publicadas sobre a seca no jornal Diário do Nordeste.

Ano/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2012	02	0	01	36	48	23	15	15	26	09	25	36



Por meio dessa tabela é possível notarmos que o mês de maio foi o momento onde a problemática da seca teve maior visibilidade durante toda a cobertura do Diário do Nordeste. Em seguida surgem os meses de abril e dezembro, tendo sido publicados, em ambos, um caderno especial intitulado Estiagem no Ceará e Estiagem no Ceará II, respectivamente. Um fato curioso é o salto quantitativo existente entre os meses de março e abril. Apesar de seguirem um na sequência do outro, há uma enorme desigualdade em quantidade de matérias produzidas entre eles.

Em outro momento é possível observarmos uma queda quantitativa notória no mês de outubro. Enquanto nos meses de setembro e novembro há uma constância percentual em relação às matérias sobre a seca; no mês de outubro o conteúdo jornalístico publicado não representa metade do valor total se comparando ao mês seguinte e ao anterior.

Ao abordarmos os números através de outra dimensão, ou seja, das editorias em que as matérias foram publicadas, podemos apresentar o seguinte quadro:

Tabela 2 - Matérias sobre a seca publicadas em editorias do Diário do Nordeste.

Editorias	Total
Cidade	28
Polícia	0
Política	12
Nacional	23
Internacional	0
Última Hora	0
Caderno 3	0
Negócios	38
Regional	135
Jogada	0
Gente	0
Zoeira	0
Ler	0



É válido mencionarmos o porquê de observarmos todas as editorias presentes no Diário do Nordeste (assim como na Folha de S. Paulo). Independe de tratar-se de uma seção sobre esportes ou atividades culturais, o tema da seca pode estar presente nas mais variadas matérias. Um possível exemplo seria uma notícia que desse de conta da realização de uma partida de futebol (editoria de esportes) onde o lucro dos ingressos seria revertido em cestas básicas para as populações castigadas pela seca (apesar de não termos identificado nenhuma matéria nesse sentido).

Dentre as 13 editorias do Diário do Nordeste que foram analisadas, a Regional foi a mais acionada. Trata-se de uma editoria que aglutina notícias das cidades do interior do Estado do Ceará, sendo as matérias escritas por colaboradores e correspondentes distribuídos em 7 sucursais. Um número que chama nossa atenção é o de conteúdo jornalístico publicado na editoria de Política, tendo sido essa a que menos publicizou discussões sobre a seca.

Não podemos, porém, afirmar que houve um esvaziamento do debate político no jornal Diário do Nordeste sobre o tema aqui tratado. Isso porque notícias ou reportagens que abordem essa dimensão podem ter sido publicadas em outras editorias, tais como Nacional ou na de Cidade. Precisaríamos de uma análise qualitativa neste caso.

Avançando em nossa análise e discutindo então o jornal Folha de S. Paulo, obtivemos os seguintes números quanto a matérias ligadas ao tema seca:

Tabela 3 - Dados referentes às matérias publicadas sobre a seca no jornal Folha de S. Paulo.

Ano/Mês	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2012	0	0	0	11	07	10	03	07	01	03	03	08

Em comparação ao primeiro jornal que apresentamos, a cobertura da Folha guarda semelhanças, como também discrepâncias. Em se tratando da quantidade de conteúdo informativo publicado não há dúvidas quanto à superioridade numérica do Diário do Nordeste. Neste, o assunto seca esteve pautado 236 vezes, contra as 53 vezes em que a Folha de S. Paulo abordou o tema.



Em certa medida podemos dizer que há um silenciamento sobre a estiagem no periódico do Sudeste. Isso porque além do número reduzido de matérias (se comparado ao jornal cearense), em determinados casos, o conteúdo informativo publicado na Folha de S. Paulo enquadra a seca como elemento secundário dentro da discussão central trazido pelo noticiário.

Em se tratando das semelhanças entre os periódicos analisados, notamos que apesar da diferença numérica, os meses em que a seca foi mais pautada são parecidos em ambos os jornais. Note-se no caso os meses de abril, maio e dezembro (Diário do Nordeste), e abril, junho e dezembro (Folha de S. Paulo).

Outra semelhança está na diminuição brusca de matérias entre um mês e outro, assim como aconteceu em alguns momentos na cobertura do Diário. É o que se nota no mês de julho, de modo que a quantidade de matérias não chega a metade do valor contabilizado no mês anterior (junho) e no mês seguinte (agosto) ao citado. Quanto à distribuição nas editorias da Folha de S. Paulo temos o seguinte panorama:

Tabela 4 - Matérias sobre a seca publicadas em editorias da Folha de S. Paulo.

Editorias	Total
Ambiente	0
Ciência	0
Comida	0
Cotidiano	21
Educação	0
Equilíbrio e Saúde	0
Esporte	0
Folhateen	0
Folha Corrida	2
Folhinha	0
Ilustrada	1
Ilustríssima	0
Mercado	10
Mundo	0
Poder	19



Tec	0
Turismo	0

A primeira diferença que observamos ao compararmos a disposição das matérias por editorias do jornal Folha de S. Paulo, em relação ao Diário do Nordeste, é a quantidade de conteúdo informativo presente no caderno de assuntos políticos do periódico, intitulado Poder. Enquanto no jornal cearense a editoria de política é a que menos possui matérias sobre a seca, no jornal paulista é a segunda mais procurada do ponto de vista de espaço simbólico para abordagem do tema.

Podemos salientar como semelhança entre ambos os jornais a forte presença da editoria de assuntos econômicos para tratar da seca tendo sido pautadas 10 matérias na editoria Mercado (Folha de S. Paulo), e 38 matérias em Negócios (Diário do Nordeste). Esse panorama, de certo modo, pode refletir as atuais preocupações de segmentos da sociedade brasileira (Governo Federal, empresários, etc.) no que concerne ao crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) do país.

Isso porque a região Nordeste obteve um aumento na participação do crescimento da economia interna elevando o PIB, segundo dados publicados pela pesquisa Contas Regionais do Brasil 2010, divulgado pelo IBGE. Assim, teoricamente, não seria interessante para os governantes que o Nordeste sofresse uma crise econômica devido à estiagem, o que provocaria uma retração na economia. Talvez por esse motivo, tantas matérias tenham sido publicadas nas editorias de Mercado e Negócios.

Assim como no primeiro periódico analisado neste artigo, no segundo também há uma editoria que se sobressai em relação às outras em termos quantitativos. Trata-se de Cotidiano (21 matérias), espécie de caderno que aglutina informações sobre os mais variados acontecimentos nacionais do dia.

5. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir dos dados numéricos apresentados e analisados neste artigo é possível dizer que há uma diferença quantitativa entre os jornais Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste ao abordarem o tema da seca durante o ano de 2012, assim como havíamos proposto em nossa hipótese. Isto é significativo ao notarmos que apesar de tratarem de um mesmo



tema, os jornais não necessariamente irão pauta-lo em suas páginas com a mesma frequência. Os motivos para essa tomada de comportamento podem ser variados, como nos indica Patrick Charaudeau (2012):

O número incalculável de acontecimentos suscetíveis de tornarem-se informação, o fato de que nenhum organismo de informação pode estar presente em todos os lugares do mundo onde algo acontece, além das restrições de tempo de fabricação (a informação se constrói rapidamente) e de espaço (algumas páginas num jornal e meia hora de rádio e de televisão), obrigam a instância midiática a dotar-se de meios que lhe permitam abranger o máximo de acontecimentos, selecioná-los e verifica-los. (CHARAUDEAU, 2012, p.74)

Assim, o fato, por exemplo, do jornal Diário do Nordeste está situado na região onde os acontecimentos ligados à seca estavam se desenrolando pode ter contribuído para a maneira quantitativa com que o assunto foi tratado. É o que pesquisadores como Nelson Traquina (2008), Mauro Wolf (2005), Miquel Rodrigo Alsina (2002) defendem ao falarem sobre o critério de noticiabilidade da proximidade geográfica.

Outra discussão que poderemos avançar ao continuarmos este trabalho se refere ao debate entre a noção de mídia regional e mídia nacional. O que essa divisão implicaria na cobertura midiática sobre um tema como a seca, por exemplo? Fazemos essa pergunta pelo fato de que ao abordarmos os jornais impresso Folha de S. Paulo e Diário do Nordeste estamos, mesmo que inconscientemente, imaginando um jornal de caráter nacional, e outro de caráter regional. Esperamos que em outros artigos a serem desenvolvidos possamos responder tais questionamentos.

Falar em considerações finais talvez não fosse um bom termo para nos referirmos as observações feitas a partir deste trabalho. Isso porque se estamos dando os primeiros passos nesta pesquisa, de modo que o mais interessante seria mencionarmos as primeiras impressões e não nossas notas finais sobre o conteúdo analisado. Sabemos das limitações do nosso trabalho, mas acreditamos que a partir dele poderemos continuar a pesquisa sobre a cobertura midiática da seca de modo a aperfeiçoá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.



KÜNSCH, Dimas Antônio. **Maus pensamentos:** os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume, 2000.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUSA, Bruno Marinoni Ribeiro de. **Sistema Verdes Mares de Comunicação e Indústria cultural Brasileira ou das técnicas modernas para sereias concorrerem em ambientes oligopolizados.** Recife, 2008. 141 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1996.

_____. **Teorias do jornalismo:** a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. II. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão:** história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2000.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.